

LITERATURA, ÉTICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: PERCEPÇÕES A PARTIR DA LEITURA DE FRANKENSTEIN

Gilderlania Félix 1

Anderson Feitosa 2

1 Gilderlania Felix Agostinho, graduanda do curso em Licenciatura em Letras – Libras pela Universidade Federal do Cariri/UFCA, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, gilderlaniafelix@gmail.com

2 Anderson Feitosa da Silva, graduando do curso em Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Regional do Cariri/URCA, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, anderson.feitosa@urca.br

1 INTRODUÇÃO

Quando nos deparamos com a leitura de Frankenstein nos dias atuais, em específico, para o contexto acadêmico/científico, podemos pensar no avanço da Web, e em principal, a Inteligência Artificial (IA). A obra foi escrita há dois séculos, mas diz muito sobre a atualidade, tratando questões éticas e sociais. Nesse contexto, formulou-se a seguinte problemática: a literatura inglesa pode contribuir para a formação crítica dos estudantes ao ser estudada e articulada com as questões atuais, como as IA's, a ética científica e a responsabilidade humana no contexto das práticas pedagógicas de ensino?

A escolha dessa literatura justifica-se por ter sido trabalhada como prática de leitura e analisada em sala de aula durante uma disciplina de Literatura Inglesa I, do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Regional do Cariri (URCA) e posteriormente, trabalhada de forma autônoma em clube de leitura entre os pesquisadores. Encontra-se nesta obra de Shelley, relevância no contexto contemporâneo, especialmente, diante dos avanços tecnológicos e do uso crescente da IA. Embora escrita no século XIX, a narrativa possibilita reflexões profundas sobre ética, responsabilidade científica e consequências das criações humanas. No contexto da academia, sobretudo em cursos de licenciatura, a leitura assume um papel importante na formação crítica, e na ética dos formandos.

Assim, este trabalho surge pela necessidade de repensar práticas pedagógicas de leitura que ultrapasse a abordagem conteudista, valorizando a literatura e a tecnologia como instrumento de reflexão social, interdisciplinar e formativa. Quanto ao processo metodológico, caracteriza-se como um estudo descritivo, qualitativo e interpretativo, desenvolvido a partir de leituras e análises da obra. A investigação fundamenta-se na interpretação crítica do texto, articulando-o a discussões teóricas sobre a temática. Portanto, consiste em uma análise reflexiva, estabelecendo paralelos entre o contexto histórico-literário e as questões contemporâneas, especialmente no que se refere à formação crítica da prática pedagógica em cursos de graduação.

Nessa perspectiva, este estudo busca analisar a obra de Frankenstein, de Mary Shelley, relacionando-a a debates contemporâneos sobre as inteligências artificiais e a ética, a fim de evidenciar seu potencial como prática pedagógica formativa. Em específico, discutir o papel da literatura clássica na formação de leitores críticos nos cursos de licenciatura.

2 FRANKENSTEIN E A IA: EXPLORANDO PARALELOS ÉTICOS

Frankenstein, criado em 1818 por Mary Shelley, vai além de ser uma obra inicial de ficção científica. É uma leitura intensa sobre as questões éticas e filosóficas que permeiam sua

época. O ser humano brinca de Deus, cria o que não entende, depois chama de monstro quem só queria ser amado.

Nessa narrativa, acompanhamos Victor que é fascinado pelo conhecimento, cientista/pesquisador do século XVIII que fica obcecado e se dedica por dois anos até criar um corpo feito de partes de outros corpos. Depois de criar essa criatura, rejeita-o de imediato, como algo grotesco, acaba abandonando-o. A reflexão dessa prática no nosso atual cenário tecnológico, surgem inquietações quanto aos criadores de ferramentas generativas. Também, podemos justificar de forma comparativa com a ânsia de ter e o tédio de possuir do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Um ciclo filosófico onde a busca incessante pelo conhecimento, leva à insatisfação e ao tédio após conseguir (Schopenhauer, 2005).

O cientista Victor adoece e, mesmo fazendo de tudo para evitar as consequências dos atos dele, pagará por tudo que fez. A criatura mesmo largada, aos poucos compreende como funciona o mundo, a desigualdade e, principalmente, o amor que ela não teve, por isso busca vingança, levando até a morte as pessoas que seu criador mais ama.

A autora traz uma narrativa de terror no momento em que o homem brinca de Deus e se recusa a lidar com as consequências e responsabilidades. Uma criatura que foi criada do zero (pura), gentil, mas acaba sendo corrompida pelo conhecimento e pelo ódio das pessoas que nutrem por ela. Pensar em Frankenstein hoje é pensar na IA, o ser humano avança nas tecnologias de informação, ao ponto de desenvolver IA generativas, que teoricamente oferecem diversas soluções, mas que também, causam outros problemas, em diferentes âmbitos: jurídicos, psicológicos, democrático, educacional, e entre outros. Afinal, não sabemos onde isso vai parar, assim como o Victor não sabia onde poderia chegar aquela criatura depois de ter lhe dado vida.

Certamente que, é uma conquista antiga da ciência, como por exemplo, podemos citar Oppenheimer que também lidou com a obsessão pela pesquisa e se horrorizou com o seu produto final, a sua criatura, nesse caso, foi a bomba atômica (Bird, 2006). Podemos afirmar que hoje nos aproximamos do “artificial” e nos distanciamos do “natural”, nos deslumbramos com as novas tecnologias e ignoramos as consequências. Portanto, Victor se isola da família pela obsessão e, em contrapartida, a sua criação passa por um isolamento forçado, uma grande interrogação entre os leitores: quem é realmente o monstro dessa obra?

Um dos objetivos da IA é aprimorar a vida humana através da automação de diversas atividades que costumam ser repetitivas, permitindo que nos dediquemos a outras ocupações (Carvalho, 2021). No portal da Dio, Sass (2024) contextualiza a obra citada com a criação e o controle de IA's levantando problemáticas sobre o papel dos criadores e como lidamos com as consequências de nossas invenções.

Com a crescente automação e tecnologias mais autônomas, “é impossível ignorar o crescente entusiasmo em relação aos inúmeros benefícios potenciais que a IA pode proporcionar” (Amaral, 2023). Mas, surgem diversas questões éticas a serem consideradas. Uma maneira simples de entender a relevância da ética na orientação dessas tecnologias é através da leitura de “Frankenstein”, de Mary Shelley. Victor cria uma criatura que, apesar de inicialmente ter boas intenções, acaba se voltando contra seu criador.

Essa história traz à tona discussões sobre responsabilidade ética, controle moral e as consequências inesperadas de criar vida artificial. Atualmente, esses tópicos refletem nas conversas sobre o desenvolvimento e uso da IA, especialmente em relação à segurança, privacidade, discriminação pelos algoritmos e ao potencial impacto socioeconômico da automação.

Assim como na narrativa de Frankenstein, a criação e o controle de inteligências artificiais levantam questionamentos significativos sobre nosso papel como inventores e sobre como enfrentamos os efeitos de nossas criações. É um lembrete importante da necessidade de refletir não apenas sobre os benefícios potenciais da inteligência artificial, mas também sobre seus possíveis efeitos adversos e da urgência de uma orientação ética em seu desenvolvimento e aplicação.

3 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e interpretativa. A pesquisa teve como base uma experiência pedagógica de leitura da obra Frankenstein, de Mary Shelley, desenvolvida inicialmente no contexto de uma disciplina de Literatura Inglesa I no ensino superior e, posteriormente, ampliada por meio de encontros em um clube de leitura entre os pesquisadores. O procedimento metodológico consistiu na leitura integral da obra, seguida de discussões coletivas e reflexões críticas, articulando o texto literário a debates contemporâneos relacionados à ética, à responsabilidade científica e ao avanço da IA. As análises foram conduzidas a partir da interpretação do texto literário, considerando tanto o contexto histórico de produção da obra quanto sua ressignificação no cenário tecnológico atual. Como base teórica utilizou-se dos seguintes autores: Amaral (2023), Bird (2006), Carvalho (2021), Sass (2024) e Schopenhauer (2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere às práticas pedagógicas, o artigo pode ser alinhado a esse contexto ao evidenciar a leitura de Frankenstein como uma experiência formativa no ensino, especialmente no âmbito da graduação. A obra é mobilizada não apenas como objeto literário, mas como ferramenta pedagógica para a problematização de temas contemporâneos, como ética científica, responsabilidade social e tecnologia, favorecendo uma abordagem interdisciplinar.

A leitura literária, nesse contexto, configura-se como uma prática pedagógica crítica, em que o estudante é convidado a estabelecer relações entre o texto clássico e a realidade atual, promovendo o desenvolvimento da interpretação, da argumentação e da reflexão ética. Tal prática dialoga com metodologias de ensino que valorizam o leitor ativo, capaz de construir sentidos a partir de sua vivência acadêmica e social.

Além dessas observações, o trabalho permite pensar a literatura em espaços pedagógicos diversos, como salas de aula do ensino superior, projetos de extensão, grupos de leitura e práticas formativas em cursos de licenciatura. A análise de Frankenstein possibilita discussões que extrapolam o campo literário, favorecendo práticas pedagógicas que integram literatura, filosofia, ciência e tecnologia, o que contribui para uma formação docente mais crítica e significativa com o atual cenário que vivenciamos.

No âmbito da formação de professores, a proposta de leitura apresentada no artigo exemplifica como o texto literário pode ser utilizado como recurso didático para estimular debates éticos e sociais relevantes para o exercício docente. Dessa forma, a literatura deixa de ser apenas conteúdo e passa a ser compreendida como prática pedagógica mediadora, capaz de articular conhecimento acadêmico, realidade social e formação humana.

A experiência de leitura evidenciou o potencial da literatura clássica como ferramenta pedagógica para a problematização de questões éticas contemporâneas. Embora escrita no século XIX, a narrativa apresenta conflitos que dialogam diretamente com os desafios atuais relacionados ao avanço tecnológico e ao uso da Inteligência Artificial, especialmente no que se refere à responsabilidade humana frente às próprias criações.

No contexto da experiência pedagógica relatada, a leitura deixou de ser apenas um exercício de análise literária tradicional e passou a constituir-se como prática formativa crítica. Os debates a partir da obra possibilitaram aos participantes estabelecer paralelos entre a figura do criador Victor Frankenstein e os desenvolvedores de tecnologias contemporâneas, destacando a recorrência de dilemas éticos associados à criação, ao controle e às consequências imprevistas do conhecimento científico.

Além disso, a vivência em sala de aula e em clube de leitura ampliou as possibilidades interpretativas, permitindo que os participantes compartilhassem experiências, percepções e posicionamentos críticos entre outros indivíduos. Por fim, ao problematizar a figura do “monstro” e deslocar essa noção para o próprio criador tanto na obra quanto na sociedade contemporânea, este trabalho contribui para as perspectivas críticas da literatura hoje, mostrando reflexões sobre o presente, mesmo quando se trata de um romance do século XIX.

5 CONCLUSÕES

Este estudo reflete uma experiência acadêmica de leitura situada, ao considerar o contexto científico e tecnológico atual como mediador da interpretação da obra. Essa abordagem está alinhada às discussões sobre novos perfis de leitores, práticas de leitura no ensino superior e o diálogo da literatura com diferentes espaços e saberes, como a ciência, a ética e a tecnologia. Os registros reflexivos decorrentes dessas leituras e discussões serviram como corpus para a análise interpretativa, permitindo relacionar a experiência de leitura às práticas pedagógicas no ensino superior e à formação crítica dos estudantes. Dessa forma, a metodologia adotada privilegia a compreensão do processo formativo vivenciado, evidenciando a literatura como instrumento pedagógico interdisciplinar e reflexivo.

Palavras-Chave: Literatura; Ética; Inteligência Artificial; Relato de experiência; Prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, J. G. A expansão da Inteligência Artificial e seu impacto nas dinâmicas sociais: desafios e responsabilidades. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 30, e47727, 2023. DOI: 10.35699/2965-6931.2023.47727.
- BIRD, K. **American Prometheus - The Triumph and Tragedy of J. Robert Oppenheimer**. Editora Vintage, 2006, 784 p.
- CARVALHO, A. C. P. DE L. F. de. Inteligência Artificial: riscos, benefícios e uso responsável. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, p. 21–36, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ZnKyrerLVqzhZbXGgXTwDtn/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- SASS, M. DIO. **Frankenstein e a IA: explorando paralelos éticos**, 2024. Disponível em: <https://www.dio.me/articles/frankenstein-e-a-ia-explorando-paralelos-eticos>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- SCHOPENHAUER, A. (2005). **O Mundo como Vontade e Representação** (Vol. 1. original publicado em 1818). São Paulo: Editora UNESP.